

SEÇÃO: ENTREVISTAS

DESAFIOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES DA PROFESSORA GABRIELLE OLIVEIRA SOBRE EDUCAÇÃO E DESIGUALDADES

Gabrielle Oliveira¹, Júlia Quintaneiro Mota², Daniel Santos Braga³

RESUMO

Este texto consiste em entrevista realizada com a professora Gabrielle Oliveira, da Lynch School of Education do Boston College (Massachusetts/EUA). Doutora em Antropologia e Educação pela Teachers College da Universidade de Columbia (Nova York/EUA), a entrevistada conduz pesquisas sobre imigração e mobilidade. Sua experiência inclui gênero, transnacionalismo e bilinguismo, com enfoque na América Latina. A entrevista foi conduzida por meio eletrônico, em junho de 2020, e trata das repercussões da pandemia de Covid-19 sobre os processos educacionais para os diferentes públicos atendidos pela universidade na qual a entrevistada atua neste ano. A entrevista revela que a crise de saúde pública afetou de maneira desigual os estudantes com os quais a professora trabalha. Porém, imigrantes, estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica e pessoas de famílias em situação de vulnerabilidade social foram as que apresentaram maiores dificuldades de se adaptarem aos modelos educacionais alternativos no período da pandemia.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19. Educação superior. Desigualdades educacionais. Educação de imigrantes.

Como citar este documento – ABNT

OLIVEIRA, Gabrielle; MOTA, Júlia Quintaneiro; BRAGA, Daniel Santos. Desafios em tempos de pandemia: reflexões da professora Gabrielle Oliveira sobre educação e desigualdades. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e025682, p. 1-10, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.25682>.

Recebido em: 05/10/2020
Aprovado em: 20/10/2020
Publicado em: 30/10/2020

¹ Lynch School of Education and Human Development, Boston College, Massachusetts, EUA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9886-4146>. E-mail: gabrielle.oliveira@bc.edu

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1181-7764>. E-mail: quintaneirojulia@gmail.com

³ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Ibirité, MG, Brasil; Centro Universitário Newton Paiva, Belo Horizonte, MG, Brasil; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5075-4570>. E-mail: danielsantosbraga@gmail.com

DESAFÍOS EN TIEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXIONES DE LA PROFESORA GABRIELLE OLIVEIRA SOBRE EDUCACIÓN Y DESIGUALDADES

RESUMEN

Este texto consiste en una entrevista con la profesora Gabrielle Oliveira, de la Lynch School of Education of Boston College (Massachusetts/USA). Doctora en Antropología y Educación por Teachers College, Universidad de Columbia (Nueva York/EE.UU.), la entrevistada lleva a cabo investigaciones sobre inmigración y movilidad. Su experiencia incluye género, transnacionalismo y bilingüismo, centrándose en América Latina. La entrevista se realizó electrónicamente en junio de 2020, y trata de las repercusiones de la pandemia Covid-19 en los procesos educativos para los diferentes públicos a los que asisten la universidad en la que trabaja la entrevistada este año. La entrevista revela que la crisis de salud pública ha afectado de manera desigual a los estudiantes con los que trabaja la profesora. Sin embargo, los inmigrantes, los estudiantes extranjeros en movilidad académica y las personas de familias en situación de vulnerabilidad social fueron los que presentaron las mayores dificultades para adaptarse a modelos educativos alternativos durante el período de pandemia.

Palabras clave: Pandemia de Covid-19. Educación superior. Desigualdades educativas. Educación de inmigrantes.

CHALLENGES IN PANDEMIC TIMES: REFLECTIONS OF PROFESSOR GABRIELLE OLIVEIRA ON EDUCATION AND INEQUALITIES

ABSTRACT

This text consists of an interview with Professor Gabrielle Oliveira, from the Lynch School of Education of Boston College (Massachusetts/USA). PhD in Anthropology and Education from Teachers College, Columbia University (New York/USA), the interviewee conducts research on immigration and mobility. Her experience includes gender, transnationalism and bilingualism, focusing on Latin America. The interview was conducted electronically in June 2020 and deals with the repercussions of the Covid-19 pandemic on educational processes for the different audiences attended by the university in which the interviewee works this year. The interview reveals that the public health crisis has unevenly affected the students with whom the teacher works. However, immigrants, foreign students in academic mobility and people from families in situations of social vulnerability were the ones who presented the greatest difficulties in adapting to alternative educational models during the pandemic period.

Keywords: Covid-19 pandemic. Higher education. Educational inequalities. Immigrant education.

APRESENTAÇÃO

Em janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o surto de Covid-19, doença respiratória causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional, ou seja, uma pandemia. Reportada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em dezembro de 2019, o vírus infectou, até outubro, mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo, causando mais de 500 mil mortes no primeiro semestre de 2020, segundo dados da OMS.

Dentre as principais ações de enfrentamento à pandemia adotadas por parte significativa dos países estão medidas de higiene pessoal, ética respiratória, testes de presença do vírus ou de anticorpos, rastreio de contágio e distanciamento social. Uma das medidas mais drásticas para se tentar diminuir as curvas de disseminação do vírus foi a interrupção parcial ou total de atividades não essenciais e/ou que pudessem causar aglomeração de pessoas. Estabelecimentos comerciais, indústrias, áreas públicas de lazer, atividades de serviço e atendimento ao público foram mantidos fechados, na medida do possível, a fim de que os sistemas públicos de saúde não entrassem em colapso com o excesso de demanda no período de agravamento da pandemia.

A partir da progressiva – e desigual – queda nas curvas de contágios e mortos, cada país passou a adotar protocolos diferenciados para os processos de reabertura. Um dos primeiros espaços que foram fechados e, que em número expressivo de países ainda não tinham sido abertos até outubro de 2020, são as instituições de educação, sejam elas públicas ou privadas, de nível básico, intermediário ou superior. A suspensão das aulas presenciais tinha como objetivo principal evitar que as escolas e universidades se tornassem foco de contágio.

Com a evolução da pandemia, em ritmos e dimensões diferentes em cada região e país, aos poucos, os sistemas de educação foram adotando estratégias de retorno às atividades de ensino-aprendizagem. Essas estratégias giravam principalmente em torno do uso de tecnologias digitais de informação e comunicação e da internet para aulas remotas e a distância. No entanto, dadas as assimetrias e disparidades econômicas e sociais, assim como no acesso à tecnologia digital e à rede de internet, o retorno das atividades educativas se deu permeado pelo acirramento de desigualdades educacionais.

No Brasil, por exemplo, ¼ das pessoas não têm acesso à internet (IBGE, 2018). Na visão dos professores, um em cada três estudantes da educação básica não possui acesso aos recursos para acompanhamento das aulas e realização das atividades remotas (CNTE/GESTRADO, 2020). Na educação superior, mesmo que o percentual conectividade e disponibilidade de aparatos tecnológicos seja maior do que o do conjunto da sociedade e da educação básica,

ainda assim um número significativo de estudantes – cerca de 41% – não conseguiu realizar nenhuma atividade on-line por falta de condições de infraestrutura (CETIC, 2020).

A entrevista que se segue busca exatamente evidenciar os desafios educacionais da retomada das atividades de ensino-aprendizagem no contexto da pandemia de Covid-19 em face às múltiplas desigualdades existentes. Para isso, convidou-se a professora e pesquisadora Gabrielle Oliveira, da Lynch School of Education do Boston College (Massachusetts/EUA). Doutora em Antropologia e Educação pela Teachers College da Universidade de Columbia (Nova York/EUA), Oliveira tem se dedicado a investigar trajetórias educacionais de imigrantes e crianças de primeira geração, filhos de pais imigrantes. Dessa forma, suas pesquisas tratam de temas que envolvem gênero, transnacionalismo e bilinguismo, com enfoque na América Latina.

A entrevista foi conduzida por meio eletrônico em junho de 2020 e trata das repercussões da pandemia sobre os processos educacionais tanto da Lynch School of Education, na qual trabalha Gabrielle Oliveira, quanto das percepções da entrevistada sobre como as estratégias de ensino remoto afetaram estudantes imigrantes, de mobilidade acadêmica, e aqueles provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade social.

ENTREVISTA

Como a pandemia afetou os trabalhos desenvolvidos na sua instituição?

Eu diria que, inicialmente, a principal maneira que [a pandemia] afetou a instituição foi no trabalho com pesquisa. Então, o trabalho de todas as pessoas que estão em laboratórios e fazem experimentos mais sensíveis foi afetado. Mas também foram afetados aqueles que fazem pesquisa com pessoas ou que precisam estar em escolas ou em lugares que foram fechados devido à pandemia. Então, todos nós tivemos que parar de alguma maneira, a não ser as pessoas que fazem o trabalho com dados secundários, que já foram colhidos ou que são dados de censos, ou que já estão disponíveis em algum software. Mas todos nós que temos pesquisas ou com pessoas ou em laboratórios fomos afetados pela pandemia de uma maneira muito grande.

Quais têm sido as estratégias adotadas pela instituição para retomada das atividades durante a Pandemia?

O Boston College está localizado no estado de Massachusetts, então seguimos as regras [de enfrentamento à pandemia] que o governo estadual decide. Nesse caso, foram estabelecidas fases: inicialmente, ficamos completamente fechados por meses; mas depois começamos a ter acesso ao prédio. Algumas poucas pessoas podem ir ao campus; e as aulas do semestre de primavera (entre janeiro e maio) foram colocadas de maneira remota,

totalmente on-line. Agora, a estratégia para a reabertura no semestre do outono⁴ é também ter um modelo que seja presencial, mas também com a opção de um modelo híbrido, ou seja, que as pessoas possam continuar com uma parte on-line, ministrando aulas de casa.

Você tem utilizado recursos tecnológicos para essa retomada? Se sim, tem ocorrido dificuldade técnica para a operacionalização desses recursos?

O recurso que eu mais uso é o Zoom⁵ que é um software de reunião e conversa. Sempre usei muito o Google Drive⁶, que é uma opção do e-mail da Google que tem documentos, planilhas, tudo isso que dá para fazer coletivamente, mas o que eu mais uso atualmente é o Zoom. Eu acho que a maior dificuldade é para as pessoas que nunca haviam usado esses recursos antes e ter que, de repente, aprender muito rapidamente para dar aulas ou para fazerem coisas muito importantes para o trabalho delas.

Existe alguma dificuldade de acesso dos alunos ao modelo alternativo de ensino?

Sim, existe dificuldade de acesso de alguns alunos no modelo alternativo. Não da maioria, pois a maioria dos alunos do Boston College, me parece, consegue acessar. Temos algumas dificuldades com estudantes internacionais que não estão no mesmo [fuso] horário e que têm que participar de algumas aulas que são ao mesmo tempo. Então temos essa questão, mas em sua maioria, as pessoas têm um computador, têm internet estável. O que pode dificultar é estar de volta morando com a família e não ter espaço, não ter silêncio, não ter lugar para poder se comunicar.

Você atende alunos que apresentam vulnerabilidade social? Quais têm sido as estratégias e desafios no tocante ao trabalho remoto? E no caso dos intercambistas?

Eu tenho alguns alunos com quem trabalho que estão em situação de vulnerabilidade social. No meu caso, o trabalho com esses alunos se deu mais no sentido de acomodar as suas necessidades. Essas necessidades variam desde pessoas que não têm acesso estável à internet até pessoas que têm filhos pequenos e não conseguem ficar muito em outras reuniões por terem que tomar conta deles. Então tudo isso torna o processo mais complicado. Temos também alunos intercambistas ou estudantes internacionais para os quais o maior problema é o fuso horário. Às vezes, os horários das reuniões não coincidem, ou a internet do local onde eles estão não funciona adequadamente. Algumas vezes, tenho algumas alunas e alunos que estão na Coreia do Sul, por exemplo, e as aulas estão

⁴ O semestre de outono nos EUA (Fall Term) corresponde a meados de agosto a dezembro, quando se iniciam as férias do fim de ano (Christmas Break).

⁵ Recurso da Zoom Video Communications, empresa americana de serviços de conferência remota com sede em San Jose, Califórnia.

⁶ Serviço de armazenamento e sincronização de arquivos da Google LLC, empresa multinacional de serviços on-line e software dos Estados Unidos.

ocorrendo quando são 4 ou 5 horas da manhã no equivalente do fuso horário para eles, então isso também é bem complicado.

No contexto das medidas de prevenção e enfrentamento à COVID-19 o que foi e o que tem sido alterado na sua prática docente? Como as atividades de ensino têm sido conduzidas?

Aqui no Boston College temos um site com perguntas e respostas sobre o que a gente pode fazer como professores. No momento, o que parece é que estão tentando fortalecer a mensagem de quererem abrir o campus e voltar a ter aula presencial no semestre de outono. Assim, seria necessário atender as principais diretrizes que o governador do estado de Massachusetts vai determinar. Levando em conta as fases de aberturas, as prioridades e levando em conta as pessoas dos grupos de risco, quem tem que ficar em casa. Então tudo isso faz parte da equação de como fazer esse retorno.

Dentre seus trabalhos publicados, você trata da educação de imigrantes. Como tem sido a repercussão das estratégias de enfrentamento à epidemia na universidade que você trabalha em relação a esses grupos sociais?

A repercussão da pandemia em minha atuação pode ser dividida em duas coisas distintas. Por um lado, faço um trabalho com crianças de zero a 17 anos. Essas crianças estão sem escolas e o fechamento de escola para as crianças imigrantes foi especialmente complicado. O acesso à internet não é tão estável, a maioria dos pais estão sem trabalho ou eles não têm documentos, logo existem problemas legais. Então, tem muita coisa que afetou essas pessoas, as crianças e suas famílias. Por outro lado, na minha atuação na universidade a questão é que os alunos, em sua maioria, são alunos internacionais. O maior problema foi que enquanto muitos tiveram que voltar para o país de origem, alguns não puderam voltar por outras questões. Alguns jovens que não se sentem à vontade mais de voltar para casa, ou porque não se sentem politicamente seguros ou por suas questões de gênero não serem acolhidas em suas famílias. Então isso também gerou problemas. Em alguns casos, voltar para casa, significa ir para um país com uma situação de epidemia muito maior do que aqui, por exemplo, apesar de os Estados Unidos estarem em primeiro lugar [nos indicadores de contaminação e morte por Covid-19]. A universidade teve que repensar essas situações e vários alunos preferiram ficar no campus. Ou seja, o campus não ficou em nenhum momento completamente vazio. Eu acho que chegaram a ficar algumas centenas de alunos no campus durante esses meses, porque não podiam ou não conseguiam voltar para casa.

Sabemos que há muitos limites e desafios impostos pelo contexto social que estamos vivendo, mas se você pudesse destacar práticas exitosas, inovadoras, quais seriam? Poderia detalhar?

Eu acho que a coisa mais importante que a gente tem que pensar no momento, pelo menos no meu caso que trabalho com imigrantes e com crianças imigrantes, é na educação, repensar o papel da escola, repensar o papel dos professores, repensar tudo o que isso representa e realmente priorizar o bem-estar das crianças mais vulneráveis. Temos visto várias iniciativas para pensar em como reabrir lugares como escolas primárias da melhor maneira, da maneira mais segura e o mais rápido possível. Então eu acho que isso é uma coisa muito boa. Então começar a pensar em diretrizes a serem seguidas como distanciamento físico (distância dos “braços de avião”), em que as crianças têm que ficar longe umas das outras; a normalização do uso da máscara. Então acho que tudo isso é importante em termos de práticas exitosas, que é pensar no bem-estar das crianças e dos mais vulneráveis e já começar a implementar essas coisas desde agora. Não ter que esperar até setembro para mudar isso.

Qual é sua percepção em relação ao engajamento dos estudantes, imigrantes e não imigrantes, ao formato de ensino adotado no contexto da pandemia?

Eu acho que essa questão depende do grau de ensino. Se estamos falando do ensino fundamental é totalmente diferente do ensino superior. Normalmente quem está em alguns colleges⁷, até os estudantes internacionais, já está mais apto para essas mudanças. Inclusive, alguns estão se formando neste contexto. Então é uma coisa muito diferente. Até mesmo no caso de adolescentes é muito diferente de uma criança de 5 anos que começou a primeira série ou que está na pré-escola, uma criança que estava em creche, por exemplo. Essa situação é a parte mais complicada, pois você tem famílias que foram desestabilizadas por questões financeiras, econômicas, sociais. Que já sofrem discriminação, que às vezes não falam inglês fluente, que já se sentem marginalizadas. Esses fatores só pioraram com a pandemia. Então, a desigualdade só piora nesses momentos. É esse o fato que eu acho o mais complicado. Já os estudantes mais velhos, eles têm um engajamento maior, porque eles são mais independentes. Mas as crianças mais novas, me parece, são as mais afetadas.

Quais considerações você gostaria de fazer sobre os processos de aprendizagem no atual contexto? Poderia compartilhar estratégias de ensino que tem considerado exitosas? E de avaliação?

No atual contexto eu gostaria de ver mais as escolas não priorizando estratégias de decorar, de memória, de repetição, mas estratégias de aprendizagem a longo prazo. Então é preciso

⁷ Instituições de ensino superior nos Estados Unidos.

pensar quais são os pontos socioemocionais que precisamos levar em conta para as crianças. Se eu penso nas crianças mais novas, de 5 a 7 anos, se a professora dá um livro, ela grava leitura e as crianças assistem. Então, aquele livro tem a ver com coisas importantes de pontos de inclusão, de pontos de pensar, de ser grato, de pensar no melhor, de tentar assim... Eu acho que tudo tem que ser no momento que a gente viu, tudo tem que ser muito mais integrado do que pensar: 'agora é a hora da matemática, agora é hora do inglês, agora é hora do português, agora é hora de estudos sociais'... Tudo tem que ser mais integrado, senão isso será confuso para as crianças. Elas não vão registrar dessa maneira fragmentada. Então eu acho que esse é o maior desafio. Em relação à avaliação, acredito que não deveriam ter testes, nem avaliações, nem provas até conseguirmos estabilizar a educação para todos, do contrário, aprofundaremos as desigualdades.

Quais as diferenças e semelhanças que você percebe entre a instituição em que atua com a realidade que você conhece do Brasil?

Bom, os Estados Unidos são um país que tem mais recursos econômicos que o Brasil. Então existe uma reserva monetária grande nas instituições. Dessa forma, é possível manter, de uma maneira ou de outra, as instituições e os negócios por mais tempo. Ou seja, as instituições têm mais capacidade de resistir ao peso de uma pandemia do que países como o Brasil ou como outros países que são mais instáveis economicamente. Então acho que a universidade foge desse cenário mais caótico. A instituição em que eu trabalho é uma instituição que tem dinheiro, que é bem sucedida em termos de administração. Então está sendo possível manter o funcionamento até agora. Quer dizer que vai aguentar por muito mais tempo? Não sei, mas acho que existe uma base econômica que é mais preparada para isso do que em outros países, como o Brasil. Existe também aqui, creio eu, uma valorização maior ao ensino superior, uma valorização à pesquisa, que, apesar do atual governo (que se assemelha ao do Brasil), eu acho que é algo que ainda sustenta a estrutura aqui. Eu acho que é uma semelhança de ter muita produção de pesquisa de qualidade no Brasil, mas gostaria de ver mais financiamento público nessa questão.

Gostaria de dizer algo que não foi perguntando?

Acho que isso foi muito bom, gostei muito dessas perguntas para pensar o processo pelo qual estamos passando. Acho que a minha mensagem disso tudo é que os buracos, as vulnerabilidades, a marginalização somente tendem a aumentar e ficarem mais fortes dentro de uma pandemia. Então o que já era injusto e desigual, tende a ficar mais injusto e desigual. Então eu acho que é nisso que a gente tem que pensar. Em como enfrentar essas desigualdades para além da pandemia. Em como integrar e como repensar ideias de educação e escolarização e pensar qual será o nosso papel no mundo que virá.

REFERÊNCIAS

CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação). *Pesquisa sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus – Painel TIC COVID-19 – Edição 2*. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/tic-covid-19/painel-covid-19/2-edicao/C8W/>. Acesso em: 27 out. 2020.

CNTE/GESTRADO (GRUPO DE ESTUDOS SOBRE POLÍTICA EDUCACIONAL E TRABALHO DOCENTE. GESTRADO/UFMG). *Trabalho Docente em Tempos de Pandemia*. 2020. 24 p. (Relatório Técnico). Disponível em: https://www.cnte.org.br/images/stories/2020/cnte_relatorio_da_pesquisa_covid_gestrado_julho2020.pdf. Acesso em: 26 out. 2020.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação*. Brasília: IBGE, 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101543.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

OMS (Organização Mundial da Saúde). *WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard*. 2020. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 23 out. 2020.

Gabrielle Oliveira

Professora assistente no Lynch School of Education and Human Development, no Boston College (Massachusetts/EUA). Possui bacharelado em Relações Internacionais pela Fundação Armando Alvares Penteado (São Paulo/BR). É mestre em Relações Internacionais pela Columbia University (Nova York/EUA) e doutora em Antropologia e Educação pela Teachers College, também na Columbia University. Seus estudos envolvem pesquisas sobre educação de imigrantes em todo o mundo com foco na primeira infância; maternidade transnacional e paternidade global e os impactos na educação e experiência escolar; gênero e educação: como a cultura e a identidade influenciam as experiências educacionais.

thomeg@bc.edu

Júlia Quintaneiro Mota

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); bolsista do Programa de Inovação e Metodologias de Ensino (PIME) na Diretoria de Inovações e Metodologias de Ensino, onde integra a equipe da Revista Docência do Ensino Superior; voluntária de iniciação científica na Faculdade de Educação (FAE/UFMG); monitora de Biologia no ensino médio.

quintaneirojulia@gmail.com

Daniel Santos Braga

Docente em cursos de formação de professores do Centro Universitário Newton Paiva e da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), campus Ibirité. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pesquisa no campo de Políticas Públicas em Educação, é Mestre em Educação e Formação Humana, historiador e pedagogo. Atua como editor na Revista Docência no Ensino Superior, da UFMG, e na revista SCIAS Educação, Comunicação e Tecnologias, da UEMG.

danielsantosbraga@gmail.com